



Edição 23 - Outubro de 2022

Artigo recebido até 25/01/2022

Artigo aprovado até 28/02/2022

PORTUGUÊS PARA ITALOFALANTES: QUESTÕES RELATIVAS AO COMPORTAMENTO LINGUÍSTICO-CULTURAL NAS FORMULAÇÕES DE PEDIDOS

Livia Assunção Cecílio¹

Università di Bologna

Resumo: Temos por objetivo propor uma reflexão sobre a interface do italiano e do português brasileiro nas formulações de pedidos, bem como de sua aplicabilidade ao ensino/aprendizagem do português a italo falantes. Tomando por referência teórica a Sociolinguística Interacional, a Antropologia Social, o Interculturalismo e a Teoria dos Atos de Fala, procuramos descrever as estruturas verbais e os aspectos não-verbais presentes nos pedidos de brasileiros e italianos, e analisamos as diferenças e os motivos culturais que levam à construção de tais enunciados. Constituem nosso corpus os dados obtidos por meio de um questionário efetuado no Brasil e na Itália, com a simulação de uma situação real num contexto específico: pedido de informação a uma pessoa na rua.

Palavras-chave: português brasileiro; italiano; português como língua estrangeira; atos de fala; língua/cultura.

Abstract: Our aim is to propose a reflection on the interface of Italian and Brazilian Portuguese when formulating requests and the applicability of such reflection on the learning/teaching of Portuguese to Italian speakers. The study was grounded on the theory of Speech Acts, of Interactional Sociolinguistics, of Social Anthropology and of Interculturalism. We described the verbal structures and the non-verbal aspects in requests performed by Brazilian and Italian speakers and analyzed the differences and the cultural reasons that lead to the construction of such utterances. The research corpus was built upon data obtained in Brazil and in Italy by means of a questionnaire, of a simulation of a real situation within a specific interactional context: asking a person in the street for information.

Keywords: Brazilian Portuguese; Italian; Portuguese as a foreign language; speech acts; language/culture.

¹ Professora de Português como Língua Estrangeira na Università di Bologna (Itália) e doutoranda em “Tradução, Interpretação e Interculturalidade” na mesma universidade. E-mail: livia.assuncao@unibo.it . O presente trabalho foi realizado no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio) em 2009.



Edição 23 - Outubro de 2022

Artigo recebido até 25/01/2022

Artigo aprovado até 28/02/2022

Introdução

Nos últimos anos tornou-se patente o aumento do interesse pela língua portuguesa no cenário mundial. Só na Itália existem quase trinta universidades que oferecem o português como língua estrangeira em seus cursos de Letras; contudo, o público italiano sofre com a escassez de material didático especializado nessa área. A falta de uma análise comparativa aprofundada e de um estudo mais atento do português brasileiro como segunda língua (L2) e língua estrangeira (LE) a italo falantes é sentida nos dois lados do Atlântico. Embora os dois países referidos guardem semelhanças em muitos aspectos de suas culturas, observam-se diferenças significativas na formulação de pedidos quando se comparam as práticas linguísticas dos dois povos. Sendo assim, dentre os muitos tópicos de interesse na relação linguística e cultural de Brasil e Itália, destacamos o ato de fala de pedir no contexto de ensino/aprendizagem do português a italo falantes.

O ensino/aprendizagem das diversas formulações de pedidos no português brasileiro a estrangeiros apresenta dificuldades porque (i) existem inúmeras construções possíveis para tais formulações, e (ii) as escolhas de tais formulações são condicionadas pelo contexto e pela cultura e requerem do aprendiz estrangeiro, além do conhecimento linguístico, certo conhecimento sobre o modo como os falantes nativos interagem em diferentes contextos. Dessa forma, nosso trabalho persegue uma dupla meta: por um lado, pretendemos descrever as formulações de pedidos nas duas línguas; por outro lado, visamos analisar, através de alguns conceitos interdisciplinares, aspectos interacionais verbais e não-verbais encontrados em tais formulações. Com isso esperamos criar ferramentas que ajudem italo falantes a fazer pedidos de forma bem sucedida no português falado no Brasil.

Aspectos Teóricos e Metodológicos

Empregamos nesta pesquisa uma abordagem interdisciplinar que faz uso dos conceitos desenvolvidos pela Teoria dos Atos de Fala, pela Sociolinguística Interacional, pela Antropologia Social e pelo Interculturalismo. A Teoria dos Atos de Fala desenvolvida por Austin (1990) considera a linguagem como uma forma de ação onde cada enunciado possui uma determinada força ilocutória. Segundo Austin (1990), os atos de fala podem ser divididos em três tipos: locucionários, que dizem respeito ao significado literal da atividade comunicativa; ilocucionários, que concernem à força comunicativa associada às intenções do falante; e os perlocucionários, relacionados ao efeito produzido sobre o ouvinte. Estendendo a teoria austiniana, Searle (2002) classifica os atos de fala ilocucionários em cinco categorias:

[...] há cinco categorias gerais dos atos ilocucionários. Dizemos às pessoas como as coisas são (Assertivos), tentamos levá-las a fazer coisas (Diretivos), comprometemo-nos a fazer as coisas (Compromissivos), expressamos nossos sentimentos e atitudes (Expressivos) e provocamos mudanças no mundo através de nossas emissões linguísticas (Declarativos) (SEARLE, 2002, p. 18).

Dessa forma, considerando a teoria dos atos de fala desenvolvida por Austin (1990) e levada adiante por Searle (2002), ao formularmos um pedido realizamos, na maioria das vezes, um ato de fala diretivo cuja força ilocucionária é justamente o desejo de realização das respectivas ações. Para Searle (2002), os atos de fala diretivos subdividem-se em diretos e indiretos. Os atos diretos são enunciados claros e objetivos, e são realizados através de determinadas formas linguísticas (tais como certos tempos e modos verbais específicos), expressões estereotipadas (como por favor ou por gentileza), entonação (tal como um tom interrogativo), etc. Por outro lado, os atos diretivos indiretos, segundo o autor, se dão quando o falante comunica ao ouvinte mais do que ele efetivamente diz. Assim, em enunciados como *Você pode me dizer onde é esta rua?*, esperamos que o interlocutor nos diga onde é a rua, e não apenas responda se ele pode ou não realizar a ação. Como sabemos, as pessoas não se comunicam apenas por palavras. Os elementos não-verbais da comunicação, tais como os movimentos faciais e corporais, os olhares, a entonação e o toque, são tão importantes para a eficiência comunicativa quanto os elementos verbais. Segundo Rector e Trinta (1985), cada cultura pode apresentar peculiaridades em relação à comunicação

gestual e, em nossa cultura, tocar o interlocutor quando interagimos é algo comum:

[...] o brasileiro é mais sóbrio no gesticular do que, por exemplo, os italianos. Mas o brasileiro sempre acompanha com gestos o que diz. Para um norte-americano parecerá, porém, que gesticula muito. [...] No Brasil, houve, em pouco tempo, uma evolução no que respeita a manifestação social pelo gesto, já que hoje beija-se na face com grande liberdade, toca-se nas pessoas com mais desenvoltura e o abraço é muito comum entre os amigos. Não obstante haver regras de valores, que permitem ou impedem pessoas de se tocarem, entre jovens, principalmente, elas não são obedecidas. Todos tocam a todos, sem acanhamentos, sem inibições, com toda a liberdade [...] (RECTOR & TRINTA, 1985, pp. 114-115).

Consideramos portanto imprescindível analisarmos o comportamento dos brasileiros e italianos em relação ao toque numa situação de pedido de informação para melhor entendermos esse ato social e sermos capazes de preparar os italo falantes para situações que lhes poderiam causar desconforto ou estranhamento.

A abordagem Sociolinguística Interacional propõe o estudo da língua na interação social e cultural. Além disso, através de estudos realizados nessa área, podemos verificar quais tipos de relacionamentos são estabelecidos através da fala, e como esses relacionamentos são negociados nas situações reais de interação. As teorias de polidez estão intimamente relacionadas com os atos de ameaça à face e apresentam conceitos importantes para o nosso trabalho. Segundo Brown e Levinson (1987), a preservação da face é a motivação lógica da polidez. O conceito “face”, tal como foi sugerido por Goffman (1959), envolve a imagem que cada indivíduo reivindica para si mesmo nas relações sociais, de acordo com atributos comunitariamente aprovados.

De acordo com Brown e Levinson (1987), o conceito de face, no contexto interacional, é uma estratégia de polidez usada pelos interactantes para preservarem até mesmo suas próprias ações, e irá variar de sociedade para sociedade. Para os autores, há três fatores que influenciam na escolha duma estratégia de polidez: a) o poder do falante sobre o ouvinte; b) a distância social entre falante e ouvinte; c) o grau de imposição envolvido no ato de fala, ou seja, os riscos de ameaça à face, de acordo com o contexto e a cultura. O reconhecimento da existência (ou ausência) dos elementos de atenuação da ameaça à face do interlocutor nos ajuda, na análise dos pedidos que realizamos neste trabalho, a determinar as estratégias de polidez empregadas pelos informantes e, por conseguinte, reconhecer as normas socioculturais estabelecidas no interior de cada uma das sociedades que são objeto de nossa investigação.

A partir dos conceitos da Antropologia Social analisaremos o comportamento social do



Edição 23 - Outubro de 2022

Artigo recebido até 25/01/2022

Artigo aprovado até 28/02/2022

brasileiro e faremos usos da dicotomia casa/rua proposta por DaMatta (1986) i . A casa é o espaço das relações sociais onde temos maior intimidade e menor distância social. É o lugar mais profundo da nossa identidade social/cultural, onde a harmonia e a afetividade têm presença marcante. Por outro lado, a rua é o espaço da “dura realidade da vida” onde não há consideração nem respeito entre as pessoas.

Holanda (2002) defende que o brasileiro se caracteriza pela cordialidade, o que não significa que seja um homem gentil ou de “boas maneiras”, mas sim aquele que não suporta formalidades. É aquele que quer se aproximar e tornar-se íntimo nas relações interpessoais. O autor afirma que “A lhaneza no trato, a hospitalidade, a generosidade, virtudes tão gabadas por estrangeiros que nos visitam, representam, com efeito, um traço definido do caráter brasileiro” (HOLANDA, 2002, p. 146). Buscando as origens do termo cordial, encontramos a palavra provinda do latim – cor, cordis – coração. Assim, o homem cordial é afetuoso e age movido pelo coração.

Os conceitos propostos pelo Interculturalismo são fundamentais para o presente trabalho à medida que colocamos em confronto duas culturas distintas: a brasileira e a italiana. Estudar línguas, seja esta L2 ou LE, significa ir além do circunscrito âmbito da Linguística. É indispensável considerar o comportamento social de cada povo, ou de cada grupo de falantes de determinada língua. Bennett (1998) aponta a necessidade de compreendermos os arquétipos de comportamento, os valores e as crenças do grupo com o qual entramos em contato para que a comunicação e o convívio entre as pessoas sejam harmoniosos e ocorra de maneira satisfatória. Entendemos dessa forma, que a educação intercultural tem como objetivo fornecer subsídios que auxiliem o relacionamento entre pessoas com identidades culturais diferentes.

Os conceitos de cultura de Alto e Baixo Contexto (HALL & HALL, 1990) estão intimamente relacionados à modalidade comunicativa dos indivíduos de uma dada sociedade. Numa cultura de alto contexto, como a brasileira e a italiana, a comunicação se dá de forma implícita e a interação através de elementos não-verbais é bastante valorizada. Por outro lado, na cultura de baixo contexto as pessoas tendem a ser mais explícitas em suas comunicações verbais e a maior parte da informação está presente no código linguístico. Assim sendo, comportamentos da comunicação não-verbal também variam de uma cultura para outra. Verificaremos, portanto, até que ponto a cultura brasileira e italiana se diferenciam em relação ao toque no contexto de pedidos de informação na rua.

Enfim, o procedimento metodológico adotado nesta pesquisa é de base quantitativa e

qualitativa. Nosso corpus é construído com dados obtidos através dum questionário, com a simulação duma situação real no contexto “na rua”. Apresentamos uma situação na qual nossos informantes procuravam uma determinada rua, e deveriam pedir informação a uma pessoa – situação bastante corriqueira para um estrangeiro. Dentro deste contexto, pusemos em questão se o sexo ou a idade do informante/interlocutor influenciariam no tratamento e averiguamos se o falante tocaria e/ou se sentiria incomodado em ser tocado, e demos aos nossos informantes a oportunidade de fazerem alguma observação a respeito de suas respostas.

Nosso questionário foi respondido por 20 informantes (de idade entre 18 e 60 anos) dispostos em dois grupos: a) 10 falantes de português como língua materna, residentes no Brasil e b) 10 falantes de italiano como língua materna, residentes na Itália.

Análise dos Pedidos de Informação de Brasileiros e Italianos

Por meio da análise comparativo-interpretativa dos dados, e seguindo as teorias e metodologias acima referidas, observamos que a maioria dos informantes dos dois grupos realiza o ato de fala de pedir – no caso, pedido de informação a uma pessoa na rua – tentando minimizar a imposição do pedido através de um ato diretivo indireto. Dessa forma, utilizam a estratégia de polidez negativa e diversos elementos que servem de mitigadores conversacionais. No processo de análise por grupo de informantes, destacamos os seguintes enunciados entre os brasileiros:

Exemplo 1 • “Moço, onde fica essa rua...?”

Exemplo 2 • “Por favor! Sabe me dizer onde fica a rua (...)?”

Exemplo 3 • “Oi, por favor, você sabe onde é a rua x?”

Exemplo 4 • “Amigo! Como é que eu faço pra chegar na rua determinada?”

Constatamos que a maioria dos informantes utiliza diferentes elementos para abrir o canal de comunicação com o interlocutor. Nos exemplos 1 e 4, o informante procura chamar a atenção do interlocutor através de um pronome de tratamento que, como sabemos, são marcadores de polidez. No primeiro exemplo, moço denota uma relação de respeito dentro de uma situação informal. Segundo Meyer (1999) a expressão moço indica um desnível social entre os interlocutores:

“através dela, o falante dirige-se ao ouvinte de situação social inferior à sua, com distanciamento. Há ainda uma outra característica muito peculiar desta expressão: ela é quase exclusivamente utilizada por

mulheres, tornando-se uma marca importante do discurso feminino” (MEYER, 1999, p. 148).

Concordamos, assim, com a autora em relação ao uso da expressão moço como marca característica do enunciado feminino: o informante do exemplo 1 é, de fato, uma mulher. Porém no que concerne à ascendência social do locutor em relação ao ouvinte, acreditamos que ela varia de acordo com o contexto. Na situação de pedido de informação no contexto apresentado, ou seja, na rua, cremos que não exista necessariamente um desnível social entre os interactantes.

A forma de tratamento amigo presente no exemplo 4 deixa clara a tentativa do falante de criar proximidade do ouvinte, tendo em vista aumentar suas chances de ser bem sucedido em seu pedido por meio da conquista da boa vontade e empatia de seu interlocutor. Destacamos também que, de acordo com a taxonomia de Searle (2002), os referidos exemplos são atos ilocucionários realizados de forma direta; eles constituem, aliás, raros exemplares deste tipo de ato em nosso corpus.

Nos exemplos 2 e 3, notamos ainda o uso da saudação oi e da expressão cristalizada de polidez por favor como elementos mitigadores de contato. Comparando diferentes formas de cumprimento, como boa tarde ou com licença, também consideramos o cumprimento oi como forma de criar proximidade e familiaridade com o interlocutor. Outro aspecto presente nestes exemplos, em contraposição aos exemplos 1 e 4, é o da indiretividade dos enunciados. Em tais construções os locutores utilizam o verbo saber, o qual indaga sobre a capacidade do interlocutor em dar a resposta quando, na realidade, o objetivo da pergunta é simplesmente obter a informação para chegar à determinada rua. Através de nossa análise de dados verificamos que esse tipo de estrutura de pedido de informação com o verbo saber (ou poder) é bastante comum entre brasileiros e italianos.

Além disso, 90% dos informantes brasileiros realizam o ato de pedir com os verbos no presente do indicativo, e somente 10% utilizam o pronome de tratamento o senhor. A não utilização – ou quase – de recursos modalizadores que tornaram o pedido ainda mais polido e indireto, como o futuro do pretérito e o referido pronome de tratamento, está fortemente relacionada ao fato de o povo brasileiro, de uma maneira geral, procurar “suavizar” a impessoalidade do espaço da rua lançando mão de elementos típicos do espaço da casa (DAMATTA, 1986). Sendo o português uma língua de alto contexto, não devemos nos esquecer de que, além destas particularidades linguísticas, os elementos não-verbais são características



fundamentais da cultura brasileira.

Entre os italianos destacamos os seguintes pedidos:

Exemplo 5

- Mi scusi, mi può dire dove si trova la via..., é vicino? lontano? Me desculpe, (o/a senhor/a) pode me dizer onde se encontra a rua..., é perto? longe?"

Exemplo 6

- Chiedo scusa, gentilmente mi potrebbe indicare la direzione per raggiungere...? Peço desculpa, gentilmente (o/a senhor/a) poderia me indicar o caminho para chegar...?

Exemplo 7

- Scusi per cortesia saprebbe dirmi dove trovo la via...? Grazie. Desculpe por cortesia (o/a senhor/a) saberia me dizer onde acho a rua...? Obrigada.

Exemplo 8

- Mi perdoni, 1 informazione per favore mi potrebbe indicare questa via? Me perdoe, 1 informação por favor (o/a senhor/a) poderia me indicar esta rua?

Como confirmam os exemplos, 100% dos informantes italianos usaram um pedido de desculpas e empregaram o verbo na 3ª pessoa do singular, que, em italiano, é usada como forma de cortesia e respeito equivalente ao pronome “Lei” (o qual corresponde ao pronome de tratamento o/a senhor/a). A combinação das estruturas mitigadoras de contato, como as escusas, de expressões cristalizadas de polidez, como por cortesia, gentilmente, por favor, do pronome de tratamento de cortesia implícito e, finalmente, do uso dos verbos modalizadores poder e saber no tempo correspondente ao futuro do pretérito (presente condizionale), evidencia um acentuado grau de formalidade, de polidez e de distanciamento do interlocutor nas formulações de pedidos ora analisadas.

À luz da teoria de polidez de Brown e Levinson (1987), examinamos os fatores que influenciam na formulação dos pedidos de informação a uma pessoa na rua, como os determinantes etários e de gênero. Ao serem indagados a esse respeito, 70% dos brasileiros responderam que o sexo e/ou a idade do interlocutor influenciariam no tratamento. Vejamos as observações mencionadas por eles:

Observação 1

- Para as pessoas de mais idade, utilizaria o Sr. ou Srª.

Observação 2



- Os homens têm melhor senso de direção que as mulheres.

Observação 3

- Se fosse uma mulher idosa, eu usaria ‘senhora’ e não ‘você’.

Observação 4

- Penso que a idade do interlocutor demandaria o uso de formas como ‘senhor’ e ‘senhora’.

Tratando-se dos informantes italianos, 60% também responderam positivamente à pergunta.

Alguns fizeram os seguintes comentários:

Observação 5

- Non tanto il sesso, quanto l’età perché cambia il registro della lingua. Nem tanto o sexo, mas sim a idade porque muda o registro da língua.

Observação 6

- Se la persona è un coetaneo gli do del ‘tu’ altrimenti del ‘lei’. Se a pessoa é minha coetânea a chamo de ‘você’ caso contrário de ‘senhor/a’.

Observação 7

- Mi influenzerebbe l’età. A idade me influenciaria.

Observação 8

- Tendo a scegliere la persona in base all’età e sesso. Tendo a escolher a pessoa com base na idade e no sexo.

Averiguamos que a maioria dos informantes nos dois grupos agiria distintamente de acordo com a idade e/ou o sexo do seu interlocutor. Lendo porém atentamente as observações feitas pelos informantes, observamos que o fator etário é o principal motivo pela mudança de comportamento dos locutores. De acordo com os conceitos vistos de Brown e Levinson (1987), a distância social, o poder e o risco atribuído à realização do ato de fala influenciam na interação e, por conseguinte, na escolha das estratégias de polidez utilizadas pelo falante. Dessa forma, constatamos que a posição social ocupada por uma pessoa de “mais idade” – característica que inspira respeito, formalidade e cortesia – e a distância social entre os interactantes – são pessoas desconhecidas, sem nenhuma relação aparente –, têm um forte peso nas construções de pedidos de informação na rua.

Com referência ao contexto da rua, vimos que ela constitui um lugar onde existe menos intimidade e maior distanciamento social entre as pessoas. A partir da análise verificamos que as normas socialmente estabelecidas (como a hierarquização etária, a relação de respeito e, de certa



forma, distância) são respeitadas pelos falantes, a despeito da tendência brasileira de transformar as relações da rua em familiares. Verificamos ainda que fatores etários e de gênero, além de influenciarem linguisticamente na construção do enunciado, o que se percebe na escolha do pronome de tratamento, também podem incidir na escolha do interlocutor.

É interessante observar que 60% dos italianos afirmaram que os fatores sob exame influenciaram o seu tratamento; entretanto, 100% deles construíram o enunciado com o pronome de tratamento de cortesia implícito em suas formulações. Isso mostra que, independentemente do sexo ou da idade do interlocutor, este grupo de entrevistados construiu o enunciado de acordo com o modelo protocolar de sua cultura – exatamente o oposto do que ocorreu entre os brasileiros.

Ao serem indagados sobre esse aspecto não-verbal do ato de pedir, somente 30% dos brasileiros responderam que tocaram o interlocutor, enquanto 50% não se incomodariam em serem tocados. As principais explicações para a aversão ao contato físico foram:

Observação 9

- Porque sendo uma pessoa estranha me assustaria.

Observação 10

- Seria impróprio uma maior aproximação se eu não conhecesse a pessoa.

Observação 11

- Me sentiria ‘invadida’.

Observação 12

- Em geral, no Brasil, as pessoas se sentem sujeitas a assaltos ou coisas do gênero. O toque na abordagem pode parecer agressivo ou temeroso.

A unanimidade dos italianos respondeu que jamais tocaria o interlocutor, e se incomodaria em ser tocada. Alguns escreveram as seguintes observações:

Observação 13

- Mi infastidirebbe se mi toccasse qualcuno che non conosco o che si permette il lusso di toccarmi senza il mio consenso. Me incomodaria se alguém que não conheço me tocasse ou que se desse ao luxo de me tocar sem o meu consentimento.

Observação 14

- Non toccherei o mi farei toccare dalla persona perché secondo me è maleducazione. Não tocaria nem deixaria a pessoa me tocar porque na minha opinião é falta de educação.



Observação 15

- Non toccherei mai la persona e mi infastidirebbe essere toccato. Não tocaria nunca a pessoa e me incomodaria ser tocado.

Observação 16

- Perché non esiste una tale confidenza da permettere il contatto. Porque não existe tal intimidade que permita um contato.

No que concerne ao toque no referido ato de fala, observamos uma grande semelhança nas respostas dos dois grupos de brasileiros. E, ao contrário do que se previa, pouquíssimos foram os informantes que tocaram o interlocutor ao pedir uma informação na rua. Acreditamos que o contexto da rua – e, portanto, por tratar-se dum interlocutor desconhecido –, tenha influenciado consideravelmente na opinião dos brasileiros. Dessa forma, mesmo sendo o português uma língua de alto contexto (HALL & HALL, 1990), e a despeito de toda a cordialidade do brasileiro (HOLANDA, 1973), verificamos que existe, de certo modo, um respeito às regras de distanciamento no espaço da rua. Mais ainda, observamos a preocupação e o medo de certos informantes com uma maior aproximação da pessoa estranha.

Por outro lado, nota-se uma sensível tolerância dos brasileiros ao toque, sem que este os incomode. Alguns teceram as seguintes observações a esse respeito:

Observação 17

- Dependendo da forma como eu fosse tocado, talvez me incomodaria. No entanto, se for um toque leve, o gesto me causaria menos estranhamento (nenhum estranhamento de fato).

Observação 18

- Não se é um contato breve.

Se não nos incomodamos quando alguém nos toca é porque compartilhamos a ideia de que podemos misturar a casa – espaço das relações pessoais – e a rua – espaço onde impera o individualismo (DAMATTA, 1986). De fato, ao aceitarem o toque, os brasileiros demonstram uma possibilidade de aproximação do outro muito maior do que a dos informantes italianos. A partir da unanimidade de respostas demonstrando aversão ao toque, por parte dos informantes italianos, e, principalmente, de suas observações, esclareceram-se alguns valores de sua cultura subjetiva: o contato físico é visto como uma violação dos conceitos de “educação” e vai além da “intimidade” permitida naquela situação.



Considerações Finais

Acreditamos ter lançado luz, com nossa análise, sobre algumas especificidades culturais no que diz respeito aos pedidos de informação na rua, às estratégias linguísticas utilizadas pelos falantes, bem como à comunicação não-verbal nesse determinado contexto. Esperamos, assim, ter contribuído para a compreensão dos paradigmas de comportamento linguístico-cultural do Brasil e da Itália e, principalmente, para o ensino do português brasileiro como LE/L2 a italo falantes.

Evidenciamos que nossa proposta está longe de esgotar todas as formulações de pedidos utilizadas no português do Brasil, devido à ampla diversidade de formulações possíveis em diferentes situações de interação. Por fim, esperamos ter incitado caminhos para pesquisas ainda por serem realizadas nos vários contextos que não foram por nós analisados, bem como de tantos outros aspectos que envolvem as duas línguas e culturas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AUSTIN**, J. L. Quando dizer é fazer. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.
- BENNETT**, M. Basic concepts of intercultural communication. USA: Intercultural Press, 1998.
- BROWN**, P. e **LEVINSON**, S. Politeness: some universals in language usage. 2ª ed., Cambridge, CUP, 1987.
- DAMATTA**, R. O que faz o Brasil, Brasil? Rio de Janeiro: Rocco, 1986.
- FRASER**, B. Conversational mitigation. Journal of pragmatics 4, 1980, p. 341-350.
- GOFFMAN**, E. A representação do eu na vida cotidiana. Petrópolis: Vozes, 1959.
- HALL**, E. T. e **HALL**, M. R. Understanding cultural differences: Germans, French and Americans. Yarmouth: Intercultural Press. Part 1: Key concepts: underlying structures of culture, 1990, p. 1-31.
- HOLANDA**, S. B. Raízes do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- MEYER**, R. M. de B. Moço, me vê o cardápio: as formas de tratamento e o modo do subjuntivo no ensino do português carioca para estrangeiros. In: GÄRTNER, E. et al. (orgs.) Estudos sobre o ensino da língua portuguesa. Frankfurt am Main: TFM, 1999, p. 141-151